

PATRIMÔNIO HISTÓRICO E MODERNIDADE¹

*Gabriel de Mattos*²

Primeiramente gostaríamos de lembrar um fato muito interessante quando estamos falando sobre Patrimônio Imaterial: no caso, o Hino de Mato Grosso. Durante muito tempo utilizamos a Canção de Mato Grosso, de autoria de Dom Aquino e de Emílio Heine, como hino estadual; no entanto essa música só foi adotada oficialmente como Hino na década de 80. Isso mostra como é possível trabalhar de maneira interessante sem precisar de leis e decretos.

Tal reflexão leva a outra, de sentido contrário: por que é tão difícil trabalhar com patrimônio histórico construído em Cuiabá?

A principal característica que deve ser entendida é o fato de que esta capital ficou, durante muito tempo, estagnada, enquanto as cidades do sul do Estado, principalmente Campo Grande, sofriam um processo de crescimento e modernização acentuados. Nesse sentido, quando começou o crescimento acelerado da capital, na década de 70, quase todos os velhos cuiabanos consideraram que a oportunidade de crescer havia chegado. Começa então um processo de substituição dos marcos da “cidade velha” por novos e verticalizados “símbolos do progresso”, o que foi demonstrado por De Lamonica Freire (1997) e Brandão (1997), entre outros. Isso explica, até certo ponto, um certo preconceito quando se diz que os cuiabanos de origem defendem menos o patrimônio local que os que aqui chegam vindos de outros estados.

¹Texto apresentado como subsídio para debate na mesa redonda “Patrimônio Histórico e Cultural: Material e Imaterial”, do III Encontro Mato-Grossense de Arquitetos, realizado na UNIC - Universidade de Cuiabá, em outubro de 2004.

No intuito de trazer subsídios para esta discussão procuramos em algumas revistas recentes alguns artigos que possam servir de base para uma discussão.

A primeira delas é a RDM nº 75, que traz na capa a chamada "Ainda de costas para os Andes". Logo nas primeiras páginas, temos um artigo de meu confrade do Instituto Histórico, o jornalista Onofre Ribeiro, chamado "Lapsos de Memória", sobre a ignorância de certas pessoas em relação ao que aconteceu em nosso país durante o regime militar de 1964. Isto acaba sendo, em primeira análise, o principal problema do patrimônio: a falta de conhecimento sobre nossa história, o que por si só já serviria como uma informação utilizável nos projetos para o futuro.

Ainda na mesma revista há o artigo, cuja chamada está na capa, "Ainda de costas para os Andes". Trata-se de uma situação que é extremamente prejudicial para o Estado de Mato Grosso, visto que temos fronteira e não temos mar. A histórica ignorância em relação aos colegas de continente é um problema crônico que atrasa certas regiões do país. É interessante lembrar que há alguns anos os governos de Mato Grosso e do Chile tentaram um apoio à Bolívia para viabilizar o asfaltamento de cerca de 500 quilômetros de estrada naquele país. O governo federal, no entanto, ficou apenas nos discursos e encontros de chanceleres, sem fazer nada de efetivo para viabilizar uma integração sul-americana.

Nesse número da revista também vamos encontrar um ensaio interessante, assinado por Adriana Venturoso e Marinaldo Custódio intitulado "Sou Jeca, mas estou na moda", que mais uma vez resgata a figura do Jeca Tatu de Monteiro Lobato. É interessante notar que o Jeca Tatu, talvez por ser uma criação de uma intelectual que estava nas polêmicas no início do século XX, ainda é muito estudado. No entanto, gostaríamos de lembrar outro herói genuinamente popular, mais revolucionário que o jeca, que hoje está meio esquecido dos estudos brasileiros: o Pedro Malasartes. Malasartes, cuja origem se confunde entre cordéis do Nordeste e piadas pesadas das revistinhas populares, é um verdadeiro anarquista,

que enfrenta de igual para igual os poderosos e até seduz a filha do rei. E vamos lembrar que o Brasil teve rei durante um longo tempo! Ainda está por aparecer uma boa tentativa de interpretação do Pedro Malasartes.

Outra revista que trago para a discussão é a RDM nº 72, cuja chamada de capa é “Os novos números de Mato Grosso”. O artigo de capa traz os resultados divulgados pelo IBGE de novos levantamentos no Estado, e a síntese é que Mato Grosso continua a crescer. Isto é uma faca de dois gumes, pois esse crescimento exige muito mais discernimento de nós, arquitetos. Este número traz também um artigo sobre as atividades oficiais de restauração do patrimônio construído em Mato Grosso.

Também é interessante ressaltar o artigo de capa da revista Projeto Design, nº 294 sobre a revitalização de três casas representativas do Movimento Moderno em São Paulo. Algumas reflexões sobre essa prática estão no artigo “Arquitetura Moderna e Preservação”, de Carlos Faggin, em que são tecidas algumas considerações sobre preservação de monumentos da fase moderna da arquitetura paulista, sobre os quais não incide nenhum processo de proteção especial. O autor ressalta, à página 59:

[...] Estamos no olho do furacão da preservação sem tombamento, muito provavelmente às vésperas de uma grande mudança: o patrimônio arquitetônico brasileiro passará a ser identificado, valorizado e preservado pela sociedade, e não mais de cima para baixo, pelos gabinetes dos conselhos, como exigiram as dificuldades e os riscos que corria o patrimônio arquitetônico brasileiro nos tempos tristonhos das ditaduras de Getúlio e dos militares. No interior desses regimes é que foram gerados os projetos dos conselhos de preservação nacional e estadual.

Concluindo esta apresentação, gostaríamos também de fazer uma “propaganda” da nossa Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso que, em seu número

de 2003, recentemente publicado, traz dois artigos que vêm fechar algumas destas questões específicas. Um deles é o depoimento de Moacyr Freitas, intitulado "Cuiabá precisava de ajuda", onde são historiadas as primeiras tentativas de planejamento urbano da cidade, propostas por um filho da terra. O outro é o nosso artigo "A Grande Rodovia Transoceânica", onde abordamos a proposta de que, ampliando o tema do primeiro artigo aqui citado, não basta uma boa saída para o Pacífico, mas o ideal seria uma grande rodovia ligando o Atlântico ao Pacífico, passando pelo meio da América do Sul.

²Gabriel Francisco de Mattos é sócio do IHGMT, arquiteto, professor universitário (UFMT) e escritor. Tem publicado os livros *A Geringonça* e *Cuiabá: Duas Novelas*.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A Catedral e a Cidade**. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

DE LAMONICA FREIRE, Júlio **Por uma poética popular da arquitetura**. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

RDM-REVISTA DE MATO GROSSO. Cuiabá: GDC Comunicação e Editora Ltda., nº 75, 26 de setembro de 2004.

RDM-REVISTA DE MATO GROSSO. Cuiabá, GDC Comunicação e Editora Ltda., nº 72, 5 de setembro de 2004.

REVISTA DO IHGMT. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, vol. 61, 2003.

REVISTA PROJETO DESIGN. São Paulo: Arco Editorial, nº 294, agosto de 2004.